

DE ORAÇÃO MODAL OU CONDICIONAL A OPERADOR ARGUMENTATIVO DE ACRÉSCIMO: O PAPEL DA INTERSUBJETIVIDADE NA EMERGÊNCIA DE [SEM FALAR] NO PORTUGUÊS

FROM MODAL OR CONDITIONAL CLAUSE TO ARGUMENTATIVE ADDITIONAL OPERATOR: THE ROLE OF INTERSUBJECTIVITY IN THE EMERGENCE OF [SEM FALAR] IN PORTUGUESE

Monclar Guimarães Lopes¹

Brenda da Penha de Oliveira²

RESUMO

Neste artigo, descrevemos o uso e a emergência do operador argumentativo [sem falar] no português, empregado, no fluxo textual, para a inclusão de novos argumentos convergentes. Paralelamente, buscamos identificar as possíveis motivações cognitivas subjacentes a sua origem. Para esse fim, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Rosário, 2022), em especial no que se refere às noções de intersubjetividade (Traugott; Dasher, 2002) e processos cognitivos gerais (Diessel, 2019). A pesquisa foi realizada com base em 301 ocorrências, extraídas de variados *corpora* (um sincrônico e três diacrônicos), analisadas em perspectiva quali-quantitativa. Os dados sincrônicos evidenciam que [sem falar] tem sido empregado preferencialmente como uma estratégia argumentativa para adicionar argumentos convergentes, a que se pode atribuir o estatuto de argumento de lambuja (cf. Koch, 2004). Paralelamente, os dados diacrônicos sugerem que [sem falar] surge no português por meio da analogização a uma construção de função semelhante: [sem contar]. No processo de mudança, sugerimos, a partir de nossas análises, que a nova categorização tenha sido motivada pela ação do mecanismo cognitivo da intersubjetividade, uma vez que esse uso inovador leva o ouvinte ou o leitor a atribuir, contextualmente, um novo sentido à construção: acréscimo, no lugar de modo ou condição negativos.

PALAVRAS-CHAVE: Sem falar. Operador Argumentativo de Acréscimo. Abordagem Pancrônica. Intersubjetividade. Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT

In this paper, we describe the uses and the emergence of the argumentative operator [sem falar] in Portuguese, used in the textual flow to include new convergent arguments. At the same time, we seek to identify the possible cognitive motivations underlying its origin. To this end, we resort to the theoretical-methodological assumptions of Functional-Cognitive Linguistics (Rosário, 2022), especially regarding the notion of intersubjectivity (Traugott; Dasher, 2002) and also the notion of general cognitive processes (Diessel, 2019). The research was carried out based on 301 tokens, extracted from two corpora (one synchronic and the other one diachronic), analyzed from a qualitative and quantitative perspective. The synchronic data show that [sem falar] has been used preferably as an argumentative strategy to add convergent arguments, which can be attributed the status of a knock-out argument (cf. Koch, 2004). At the same time, diachronic data suggest that [sem falar] appears in Portuguese through the analogization of a construction with an analogous function: [sem contar]. In the

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF) - Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, monclarlopes@id.uff.br, <https://orcid.org/0000-0002-6238-958X>.

² Universidade Federal Fluminense (UFF) - Mestranda em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, brendapenha99@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0005-9531-9122>.

process of change, we suggest, from our analyses, the new categorization was motivated by the action of the cognitive mechanism of intersubjectivity, since this innovative use leads the listener or reader to attribute, contextually, a new meaning to the construction: addition, instead of negative or conditional mood.

KEYWORDS: Sem falar. Argumentative Additional Operator. Panchronic perspective. Intersubjectivity. Functional-Cognitive Linguistics.

Introdução

Na literatura gramatical e linguística, a palavra *sem* é classificada como uma preposição essencial com valor de subtração, ausência (ou negação) e desacompanhamento (cf. Bechara, 2009; Cunha; Cintra, 2017; Rocha Lima, 2018). Segundo Neves (2018), na articulação oracional, esse elemento é recrutado para a introdução de orações hipotáticas adverbiais de modo ou condição, tanto na forma reduzida de infinitivo quanto na forma desenvolvida, quando, adjungido ao *que*, resulta na locução conjuntiva *sem que*. Abaixo, seguem duas ocorrências na forma reduzida, extraídas da plataforma *Now do Corpus do Português*, como ilustração³:

- a) **Modo:** Podemos ficar anos *sem falar* – já não ouvimos os seus discos com tanta frequência, maldizemos os últimos, reclamamos o preço do bilhete⁴.
- b) **Condição:** É impossível falar de Microsoft *sem falar de Bill Gates!*⁵

Além desses usos já previstos pela literatura, identificamos, no português contemporâneo⁶, um novo emprego para essa preposição, a qual, quando justaposta a um verbo *dicendi*, como *falar*, por exemplo, atua como um operador argumentativo para a inclusão de argumentos convergentes. Como ilustração, segue uma ocorrência do português contemporâneo, também extraída do mesmo *corpus*:

(01) Marvel's Avengers prometia tornar-se em um dos grandes jogos da E3 2019, mas após a apresentação do primeiro trailer, as opiniões dividiram-se sobre o que foi apresentado. Há críticas sobre a ausência de gameplay concreto e facilmente identificável, *sem falar* na ausência de uma demo transmitida on-line para todo o mundo, os visuais e especialmente o design dos personagens, que têm dado muito que falar⁷.

Em (01), temos um trecho de um texto em que o enunciador enumera três pontos fracos do novo jogo da empresa E3: (1) ausência de gameplay concreto e facilmente identificável; (2) ausência de uma demo transmitida on-line para todo o mundo; (3) visuais e design dos personagens que têm dado muito que falar. Conforme podemos observar, o acréscimo do segundo argumento (2) é antecedido por

³ Optamos por não apresentar exemplos da forma desenvolvida porque elas não interessam diretamente a esta pesquisa.

⁴ Disponível em: <https://observador.pt/2019/06/21/eddie-vedder-em-lisboa-bem-vindo-a-casa-velho-amigo/> - Acesso em: 09 fev. 2024.

⁵ Disponível em: https://www.jm-madeira.pt/opinioes/ver/2623/Camuflados_de_Verdinhos - Acesso em: 09 fev. 2024.

⁶ Neste trabalho, usamos dados tanto do PE quanto do PB. Nossa intenção é a de mostrar a convencionalidade desse operador argumentativo no português contemporâneo, sem considerar especificidades quanto às variedades.

⁷ Disponível em: <https://www.eurogamer.pt/marvels-avengers-o-design-dos-personagens-nao-sera-alterado> - Acesso em: 09 fev. 2024.

sem e falar, que, em nosso ponto de vista, juntos operam uma função distinta daquela apresentada nos exemplos *a* e *b*, anteriormente. Enquanto nestas ocorrências há manutenção da noção de negação – *podemos ficar anos, E NÃO nos falarmos; é impossível falar de Microsoft, E NÃO falar de Bill Gates* –, essa ideia encontra-se esmaecida na ocorrência (01), haja vista que o enunciador efetivamente apresenta (“fala”) os argumentos que, a princípio, não iria mencionar: *há críticas (...) E HÁ ausência de uma demo (...)*.

Por esse motivo, argumentamos que ocorre, no dado (01), uma neoanálise de parte dos elementos da oração hipotática adverbial modal, dado que *sem e falar* atuam, no discurso, em prol da inclusão de novos argumentos convergentes. Nesse processo, entendemos que *sem* se afasta de seu sentido básico original e se vincula ao verbo *dicendi falar*, formando uma nova unidade de sentido, à qual atribuímos a função de operador argumentativo de acréscimo.

Vale ressaltar que optamos por categorizar [sem falar] como um operador discursivo de acréscimo, e não conector de acréscimo, porque entendemos que ele ainda resguarda muitas características das categorias-fonte *preposição* e *verbo*. Dessa maneira, o emprego de uma terminologia textual-discursiva, e não necessariamente sintática, parece-nos mais adequada. Neste texto, assumimos, em conformidade com Ducrot (1973), Ducrot e Vogt (1979) e Anscombe e Ducrot (1983), que os operadores argumentativos – ou OAs – são elementos que não pertencem a uma classe específica da gramática, mas que incidem sobre a configuração dos *topoi* (lugares comuns argumentativos), determinando ou restringindo a progressão textual.

Voltando à apreciação da ocorrência (01), compreendemos que a plausibilidade em classificar [sem falar] como um operador discursivo de acréscimo possa ser atestada por meio de testes de alternância, em que *sem falar* pode ser substituído por um conector hipotático canônico de função equivalente, como, por exemplo, *além de*, conforme é possível notar em (01’):

(01’) Marvel’s Avengers prometia tornar-se em um dos grandes jogos da E3 2019, mas após a apresentação do primeiro trailer, as opiniões dividiram-se sobre o que foi apresentado. Há críticas sobre a ausência de gameplay concreto e facilmente identificável, *além da* ausência de uma demo transmitida on-line para todo o mundo, os visuais e especialmente o design dos personagens, que têm dado muito que falar.

Neste artigo, além do objetivo de descrever esse tipo de uso, análogo ao visto em (01), buscamos investigar sua origem histórica, bem como identificar as possíveis motivações cognitivas subjacentes ao processo de mudança. Partimos da hipótese inicial de que o operador argumentativo (OA) de acréscimo [sem falar] seria o resultado da neoanálise da oração hipotática adverbial modal ou condicional reduzida de infinitivo [[sem][falar]]. Nesse processo, haveria o aumento da vinculação entre *sem e falar*, bem como perda parcial de composicionalidade do sentido negativo de *sem*. Além disso, a mudança da noção de *modo* ou *condição* para a de *acrécimo* seria o resultado contextual da atuação de processos intersubjetivos⁸.

⁸ Essa hipótese precisou ser reformulada posteriormente, como discutiremos na seção dedicada à análise de dados.

No intuito de verificar a plausibilidade de nossas hipóteses, estruturamos um estudo baseado em dados reais de uso e recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. Rosário, 2022), em diálogo com as pesquisas sobre a intersubjetividade (cf. Traugott; Dasher, 2002) e os processos cognitivos gerais (cf. Diessel, 2019). Ao todo, trabalhamos com 301 ocorrências, sendo 200 sincrônicas, extraídas da plataforma *Now*, do *Corpus do Português*; 101 diacrônicas, extraídas dos seguintes *corpora*: Vercial, Tycho Brahe e Colônia⁹. Os dados foram interpretados sob uma metodologia quali-quantitativa.

Este texto está dividido em seis partes. Além desta introdução, há as seis seções: 1. Arcabouço teórico e categorias analíticas; 2. Procedimentos metodológicos; 3. Resultados; 4. Considerações finais. Por fim, incluímos as Referências bibliográficas.

1. Arcabouço teórico e categorias analíticas

A teoria funcionalista, nas suas mais diferentes vertentes, configura-se como uma abordagem que considera a gramática como um sistema adaptativo complexo, cuja constante reconfiguração se dá em decorrência de fatores internos e externos (cf. Du Bois, 1985), naturalmente implicados nas situações reais de interação. Exatamente por entender que a gramática está em constante refazimento, uma das agendas de trabalho mais promissoras para a abordagem funcionalista tem sido aquela voltada para a descrição dos usos gramaticais menos canônicos, ainda não registrados pela literatura gramatical vigente, como é o caso de nosso objeto de estudo.

O modelo funcionalista que adotamos – conhecido no Brasil como Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. Rosário, 2022) – ou LFCU – representa um novo estágio do Funcionalismo Norte-Americano (cf. Givón, 1995; Hopper, 1991; Traugott; Heine, 1991; entre outros), que passa a adotar parte dos pressupostos da Linguística Cognitiva, em especial aqueles atinentes às abordagens construcionais da gramática (cf. Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2013; Diessel, 2019; entre outros). Nessa perspectiva, a língua é definida como uma rede multidimensional de construções (cf. Diessel, 2019) – isto é, de pareamentos de forma e conteúdo, os quais representam uma espécie de cristalização da experiência humana em padrões de uso. Esses padrões organizam-se em diferentes níveis de abstração e são apreendidos em decorrência da atuação dos processos cognitivos gerais.

Há, em nosso ponto de vista, uma vantagem especial em se empregar a abordagem construcional para a análise de expressões complexas, sobretudo aquelas de função mais procedural, como é o caso de [sem falar]. Nessa construção, por exemplo, identificamos a perda de composicionalidade – o sentido de negação, próprio do *sem*, encontra-se esmaecido, conforme argumentamos na introdução deste artigo –, bem como o aumento da vinculação (processo de *chunking*) entre preposição e verbo,

Os dados sugerem que a neoanálise ocorrera preliminarmente com um outro operador de acréscimo: [sem contar]. Posteriormente, por meio de analogização, esse operador teria recrutado novos elementos para a posição do verbo, como *falar*, por exemplo.

⁹ Exploramos mais detalhes acerca dos *corpora* na seção dedicada aos procedimentos metodológicos.

dados que os dois elementos, conjuntamente, passam a desempenhar uma nova função: a de OA de acréscimo. Cabe frisar que esses dois aspectos, perda de composicionalidade e aumento de vinculação entre os elementos da construção, são bastante comuns na formação da construção procedural complexa, como já têm atestado diversos estudos de viés construcionista, tanto no Brasil quanto no exterior¹⁰.

Diessel (2019), em sua obra *The Grammar Network. How linguistic structure is shaped by language use*, mostra-nos o papel dos processos cognitivos na emergência de novos usos. O autor identifica onze processos cognitivos, distribuídos em três grandes domínios: o da cognição social, o da conceptualização e o dos processos relativos à memória. Em virtude de nosso objeto, exploraremos aqui somente parte desses processos. Num primeiro momento, trataremos do domínio da cognição social, mais particularmente dos processos relativos à (inter)subjetividade. Por fim, trataremos das questões relativas à categorização e à automatização, pertencentes ao domínio dos processos relativos à memória. Ao longo de nossa exposição, cotejaremos a perspectiva de Diessel (2019) com a de outros estudos relevantes na área.

Segundo Diessel (2019, p. 25, tradução nossa), “o uso linguístico é uma forma particular de interação social, que depende diretamente da habilidade de levar em consideração o conhecimento, as intenções e as crenças de outrem”¹¹. Em outras palavras, quando interagimos com alguém, levamos em consideração que nem sempre o significado do que se diz é uma derivação do sentido das palavras dos enunciados. Com muita frequência, precisamos fazer inferências sobre as reais intenções do falante, sobretudo quando estamos diante de um padrão que nos soa novo ou inusitado. Para Tantucci (2021), a noção de Cognição Social está ancorada em uma Teoria da Mente (ToM), em que falante e ouvinte reconhecem que ambos têm uma mente em que habitam crenças e intenções, e, por isso, entendem que nem sempre aquilo que se diz efetivamente corresponde àquilo que se pretende dizer.

Essa visão também é compartilhada por Traugott e Dasher (2002), que declaram que muitas mudanças linguísticas – semânticas e/ou estruturais – decorrem desse processo: o ouvinte, quando está diante de um uso atípico ou novo, tende a atribuir-lhe um sentido em conformidade com aquilo que acredita ser o objetivo comunicativo do falante.

Se assumirmos que “gramática” é “sistema linguístico” e “código”, o link entre “gramática” e “uso” é a díade falante/escritor – ouvinte/leitor, que negociam significado de maneiras interativas, respondendo ao contexto e criando contexto (...). Embora essa díade possa parecer simétrico (...), na verdade não é: falantes/escritores têm estados mentais e produzem significados que podem não ser compreendidos pelos ouvintes/leitores da mesma maneira pretendida. Embora os dois membros da díade estejam situados no contexto particular de fala ou do evento de leitura, o falante/ouvinte, quando em seu turno de fala, tem um papel central

¹⁰ Como ilustração, podemos citar os estudos de Alonso, Oliveira e Fumaux (2019) sobre as construções binominais quantitativas em perspectiva distinta; a revisão de literatura proposta por Bybee (2015) sobre a formação do futuro verbal nas línguas românicas (Seção 6.3).

¹¹ No original: *Language use is a particular form of social interaction, which crucially relies on the ability to take another person's knowledge, intentions and beliefs into account.*

no contexto. (...) esse papel central do falante/escritor exige uma visão de mudança linguística orientada para a produção de linguagem e serve para explicar por que o principal tipo de mudança semântica é a subjetificação (Traugott; Dasher, 2002, p. 6-7, tradução nossa)¹².

Com base nessa concepção de mudança, Traugott e Dasher (2002) formulam uma teoria calcada na noção de intersubjetividade, a que dão o nome de Teoria da Inferência Sugerida na Mudança Semântica – ou IITSC, do inglês *Invited Inference Theory of Semantic Change*. O objetivo desse modelo é o de dar conta da convencionalização de significados pragmáticos e sua reinterpretação como significados semânticos.

Para esses estudiosos, a inferência sugerida é o mecanismo cognitivo disparador da mudança semântica. Ela decorre do fato de o ouvinte ou o leitor estar diante de uma estrutura nova, ou ainda de um uso inovador de uma estrutura já conhecida. Para atribuir significado, portanto, é comum que o ouvinte ou o leitor faça uma inferência sobre o material linguístico que tenha diante de si, partindo daquilo que ele acredita ter sido a intenção do falante ou do escritor. A esse processo de (de)codificar significados com base nas crenças, atitudes e eventuais intenções dos falantes atribui-se o nome (inter)subjetificação.

Segundo Traugott e Dasher (2002, p. 23, tradução nossa), expressões mais (inter)subjetivas envolvem, dentre outros aspectos:

- a) Marcadores explícitos da atitude do falante/escritor para o que é dito, incluindo atitude epistêmica para com a proposição;
- b) Marcadores explícitos da atitude do falante/escritor para o relacionamento entre a estrutura da informação (o que precede e o que segue); muitos aspectos da dêixis estão incluídos aqui;
- c) Marcadores explícitos de atenção do falante/escritor para com o ouvinte/leitor, e.g. *hedges*, marcadores de polidez, títulos honoríficos¹³.

Entendemos que [sem falar] apresenta traços de intersubjetividade, mais especificamente os indicados em *b*. Como ilustração, analisemos uma ocorrência:

¹² No original: *If we assume that 'grammar' is 'linguistic system' and 'code', the link between 'grammar' and 'use' is the SP/W – AD/R dyad, who negotiate meaning in interactive ways, both responding to context and creating context (see e.g. Silverstein 1976a, Schiffrin 1987, and various papers in Duranti and Goodwin 1992). Although this dyad may appear symmetric (and indeed has been memorialized as such by models like Saussure's 'talking heads'), in fact it is not: SP/Ws have mental states and produce meanings that may not be understood by AD/Rs in the way intended. Although both members of the dyad are "ground" in the sense of participants assumed in the context of a particular speech or reading event, SP/W, when exercising his or her turn, has the central role in the context. As we will discuss below, SP/W's central role calls for a production-oriented view of language change, and accounts for why the major type of semantic change is subjectification.*

¹³ No original: *a) explicit markers of SP/W attitude to what is said, including epistemic attitude to the proposition; b) explicit markers of SP/W attitude to the relationship between what precedes and what follows, i. e. to the discourse structure; many aspects of discourse deixis are included here; c) explicit markers of SP/W attention to AD/R, e.g. hedges, politeness markers, and honorific titles.*

(02) Ainda que não tenha restrições de idade e nenhum tipo de seletiva prévia- nem mesmo controle de *doping* ou impedimento de atletas banidos – o Rachão é bem seletivo por natureza. Esqueça a ideia de “venha pedalar com a gente na Marginal”. Na linguagem dos ciclistas, a prova é “só pra quem é”, como brinca Zanata junto de outros competidores, referindo-se à enorme exigência física e tática de uma competição longa decidida normalmente em um *sprint* final, **sem falar** nos infindáveis desafios do percurso. Em outras palavras, quem está ali sabe bem o que está fazendo.

Este arriscado cardume urbano tem atraído nomes fortes do esporte por aqui. É o caso de Francisco Chamorro, tetracampeão da Copa América e vencedor do Rachão inaugural de 2016 (...).¹⁴

Em (02), o enunciador busca tornar explícita a ideia de que o evento ciclístico sobre o qual fala – o Rachão – não é para amadores. Para persuadir o enunciatário de seu ponto de vista, apresenta o argumento de que são necessários enorme habilidade física e conhecimento tático para participar da prova. Em seguida, no intuito de tornar a adesão ao seu ponto de vista ainda mais eficaz, acrescenta um último argumento, a título de lambuja: há infindáveis desafios no percurso. Potencialmente, um leitor que seja atleta inexperiente e que pretende participar dessa prova ficará um tanto quanto desestimulado após a leitura desses argumentos, sobretudo do último: afinal, que infindáveis desafios são esses? Será que corro o risco de me acidentar feio?

Veremos, na seção dos resultados, que [sem falar] é frequentemente empregado como um último argumento de uma sequência. A ideia subjacente a seu emprego poderia ser explicitada por meio da seguinte paráfrase: *os argumentos anteriores que apresentei já são suficientes para sustentar o meu ponto de vista, mas além desses ainda há Y*. Normalmente, esse último argumento (Y) é apresentado superficialmente, não sendo promovido a tópico discursivo no fluxo textual. Na ocorrência (02), por exemplo, o texto não elucida que infindáveis desafios são esses. Inclusive, acreditamos que a motivação comunicativa para esse tipo de uso resida exatamente neste fato: na ideia de que vou citar um argumento, mas não vou explorá-lo, devendo o enunciatário recorrer a seu próprio conhecimento de mundo para fazer as associações necessárias.

Por esse motivo, consideramos [sem falar] como uma construção intersubjetiva, na medida em que marca as intenções do falante em relação à estrutura da informação. Entendemos que esse tipo de argumento possa ser identificado sob o rótulo *argumento de lambuja*. Segundo Koch (2004, p. 73), esse tipo de argumento se caracteriza por “introduzir, de maneira sub-reptícia, um argumento decisivo, apresentando-o a título de acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final”.

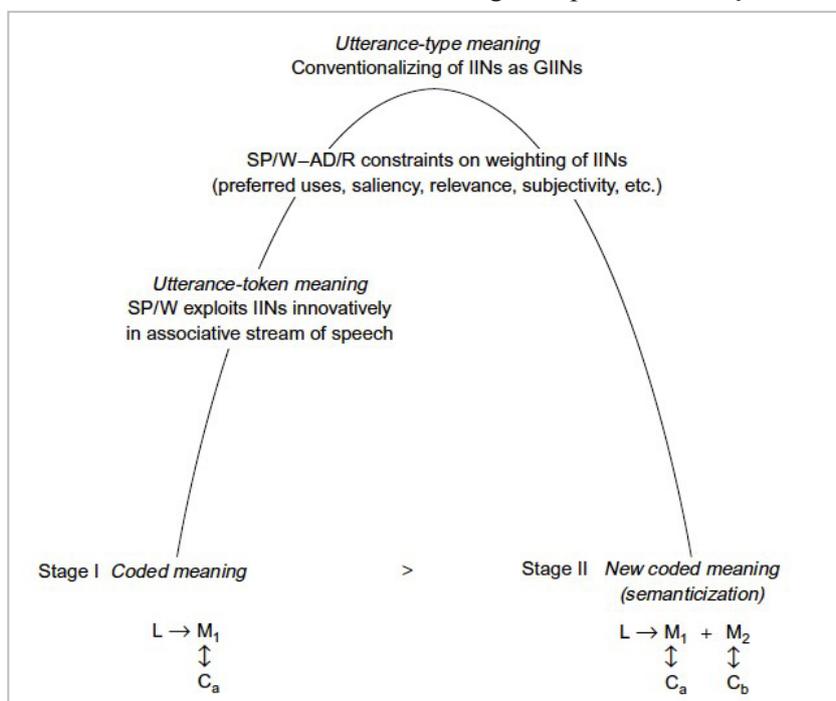
Voltando para a questão da ITTSC – Teoria da Inferência Sugerida para a Mudança Semântica –, aventamos a hipótese de que o uso de [sem falar], na condição de OA de acréscimo, seja mais recente do que [[sem][falar]], na condição de oração hipotática adverbial modal/condicional. Isso

¹⁴ Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/reportagens-especiais/onde-bikes-sao-proibidas-ciclistas-colocam-a-vida-em-risco-em-competicao-pirata-em-sp/> - Acesso em: 09 fev. 2024.

decorre do fato de os estudos linguísticos evidenciarem largamente que categorias mais procedurais – como é o caso de um OA, ligado à articulação de unidades de informação no fluxo textual – derivam de outras menos procedurais ou mais lexicais – como é o caso da oração com função de advérbio. Soma-se a isso o fato de [sem falar] apresentar perda de composicionalidade e aumento de vinculação entre suas subpartes (conforme já mencionamos previamente), o que também é normalmente atestado como uma característica prototípica das categorias que assumem funções mais procedurais.

Para Traugott e Dasher (2002), a inferência sugerida, por si só, não resulta em mudança linguística. Para que a mudança linguística se efetive, é necessário que essa inferência seja compartilhada por uma comunidade de falantes e resulte em semanticização, quando um lexema ou uma construção passa a codificar um novo significado. Esse processo está representado na figura 1.

Figura 1: Modelo da Teoria da Inferência Sugerida para a Mudança Semântica



Fonte: Traugott; Dasher, 2002, p. 38.

Em linhas gerais, a figura pode ser explicada do seguinte modo: no estágio 1, um lexema ou uma construção apresenta um determinado significado relativo a uma estrutura conceitual ($L \rightarrow M_1 \leftrightarrow C_a$); posteriormente, em uma determinada situação de enunciação, o falante/escritor utiliza esse mesmo lexema ou essa mesma construção de maneira inovadora no curso de sua fala/escrita; o ouvinte/leitor, por sua vez, por reconhecer que o significado convencional daquele lexema ou daquela construção não é compatível com o que o falante/escritor quer dizer, deduz, a partir do mecanismo da *inferência sugerida*, um novo significado a partir das pistas contextuais e daquilo que acredita ser a intenção do enunciador. A nova interpretação atribuída ao lexema ou à construção não resulta diretamente no estágio 2. Para que isso ocorra, é necessário que o novo uso prospere e

seja compartilhado entre uma comunidade de falantes. Só assim, haverá convencionalização de um novo significado pragmático, isto é, semanticização. Nesse processo, L passa a veicular não apenas um, mas dois significados: $(L \rightarrow M1 \leftrightarrow Ca; M2 \leftrightarrow Cb)$.

Em todo esse processo de mudança semântica, bem como naqueles em que também ocorre a recategorização, a inferência sugerida é apenas um dos fenômenos cognitivos implicados. Na semanticização de um novo significado pragmático, outros processos também atuam, como aqueles relativos à categorização e a automatização.

A Linguística Cognitiva tem elucidado que a mente humana é um instrumento de identificar e agrupar padrões, com base em suas semelhanças de forma e significado. Esses padrões vão se organizando de forma multidimensional, constituindo uma rede de nós dinâmicos interconectados, em diferentes níveis de abstração.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), quando uma construção é posta em uso e seu significado corresponde aos padrões experienciais prévios (isto é, aos usos e significados usualmente atribuídos a essa construção), ocorre a sanção completa de um esquema já conhecido. Quando, por sua vez, parte da forma ou do conteúdo de uma construção não corresponde a esses padrões, pode ocorrer uma sanção parcial ou, ainda, uma incompatibilidade com um esquema previamente estocado na memória. Nesse momento, aciona-se o mecanismo da inferência sugerida e, paralelamente, associa-se esse uso a um outro esquema já existente ou, ainda, origina-se um novo esquema.

Muitas vezes, a mudança semântica é acompanhada por nova categorização, quando uma classe morfossintática passa não só a veicular um novo sentido, mas também uma nova função linguística. Acreditamos que essa seja a procedência do OA de acréscimo, cuja origem hipotética é a oração hipotática adverbial modal ou condicional, como exploraremos na seção dedicada aos resultados.

Um outro aspecto interessante de se explorar na recategorização da construção complexa está relacionado à reconfiguração das relações sequenciais (cf. Diessel, 2019). Embora tenhamos a impressão de que selecionamos, à medida que o discurso se desenvolve, uma palavra após a outra, o planejamento da fala (ou da escrita) não se dá dessa maneira. Há muitos idiomatismos e semi-idiomatismos, que são recrutados para o uso em bloco – e também são interpretados dessa maneira. Essas estruturas formam-se na língua como resultado da atuação da automatização, que atua sobre a reconfiguração das relações sequenciais.

Uma vez que a automatização é um processo gradual dirigido pela frequência de ocorrência, as relações sequenciais variam em um contínuo. Em condições esperadas, quanto maior a frequência com que uma cadeia de elementos linguísticos é processada, mais fortes são os *links* sequenciais entre eles. (Bybee, 2002; 2019, p. 33-37). O resultado cognitivo desse desenvolvimento é a emergência gradual de uma “unidade” ou “chunk”. Langaker (1987) usa a noção de “unidade” como um termo técnico para sequências automatizadas que os falantes ativam e executam como um todo integrado (Diessel, 2019, p. 63, tradução nossa)¹⁵.

¹⁵ No original: *Since automatization is a gradual process driven by frequency of occurrence, sequential relations vary on a continuum. Other things being equal, the more often a string of linguistic elements is processed, the stronger are*

A automatização é uma consequência da elevada frequência de uso. Sequências lexicais altamente rotinizadas desenvolvem propriedades idiossincráticas, como perda de propriedades semânticas e aumento de vinculação entre os elementos. Quando aventamos a hipótese de que o OA de acréscimo [sem falar] seja o resultado da recategorização da oração hipotática adverbial modal ou condicional [[sem][falar]], baseamo-nos no fato de a noção de acréscimo atribuída à construção não estar associada à combinação de *sem* com qualquer verbo, mas com um verbo *dicendi*. Em nossas pesquisas, verificamos que há OAs de acréscimo com outros verbos *dicendi*, mas não com outros tipos de verbo, como os mentais, os materiais, os existenciais etc¹⁶.

Dessa maneira, à medida que [sem falar] começa a ser cada vez mais utilizado como OA de acréscimo, mais essa sequência se torna automática e mais essa construção se torna elegível para o uso em uma comunidade de falantes.

2. Procedimentos metodológicos

Para esta pesquisa, analisamos 301 ocorrências da sequência de palavras *sem + falar* em quatro diferentes *corpora*, assim distribuídas: 200 ocorrências da plataforma *Now* do *Corpus do Português*¹⁷, um *corpus* sincrônico de mais de 1 bilhão de palavras, constituído de textos de mídia digital, em especial jornais, revistas e blogs; 100 ocorrências diacrônicas, sendo 55 do *Vercial*, um *corpus* diacrônico de aproximadamente 15 milhões de palavras, constituído de textos clássicos da literatura portuguesa dos séculos XVI a XX; 17 do Tycho Brahe, composto de textos em português escritos por autores nascidos entre 1380 e 1845, em gêneros variados, como cartas, gramáticas, romances etc.; 28 do Colônia, composto por obras variadas em língua portuguesa, dos séculos XVI ao XX. Cabe frisar que, do *corpus* sincrônico, escolhemos um recorte do total de 200 dados (de 8.712 ocorrências), enquanto, do *corpus* diacrônico, utilizamos todas as ocorrências¹⁸.

Em nossa análise, trabalhamos com ocorrências tanto do PB quanto do PE, *sem*, nesse momento, buscar identificar diferenças quanto a esses usos. Observamos que o fenômeno é utilizado em ambas as variedades do português, apresentando funções análogas. Optamos por descartar os dados em que *sem + falar* faziam parte de uma construção concessiva, como *ainda sem falar*, *mesmo sem falar*, por exemplo.

Reconhecemos que a seleção de *corpora* tão distintos quanto aos gêneros e tipos textuais está longe de ser o ideal para nossa pesquisa, cujo objeto é usualmente empregado em contextos mais

the sequential links between them (Bybee 2002; 2010: 33-37). The cognitive result of this development is the gradual emergence of a “unit” or “chunk”. Langacker (1987) uses the notion of “unit” as a technical term for automated sequences that speakers activate and execute as integrated wholes.

¹⁶ Lopes e Moura (2022) identificam OAs de acréscimo formados pelos seguintes verbos *dicendi*: contar, falar, dizer, mencionar, negar e referir.

¹⁷ Nossa escolha pela base de dados *Now* se deve a sua extensão, que nos permite captar inúmeras ocorrências da sequência *sem + falar* e verificar a produtividade das construções sob análise.

¹⁸ Vale pontuar que chegamos a investigar outros *corpora* diacrônicos mais extensos, como a base histórica do *Corpus do Português*, constituída por aproximadamente 45 milhões de palavras. No entanto, as 232 ocorrências existentes no *corpus* são do final do século XX, enquanto o *Vercial* nos retorna dados a partir do século XVI.

argumentativos. O ideal seria que conseguíssemos recorrer a *corpora* diacrônicos semelhantes ao *Now*, em que os textos de tipologia argumentativa predominam. No entanto, essa é uma limitação da pesquisa histórica, dado que não dispomos de *corpora* diacrônicos em que predominem textos dessa natureza. Portanto, procedemos conforme orienta Labov (1992): buscamos fazer o melhor uso dos maus dados.

Em nossa análise, empregamos o método quali-quantitativo ou misto, definido como “o equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa” (Lacerda, 2016, p. 85). Buscamos alcançar os seguintes objetivos:

- a) Descrever as diferenças semânticas e morfossintáticas entre a oração hipotática modal/condicional [[sem][falar]] e o OA de acréscimo [sem falar];
- b) Aferir a produtividade da sequência *sem + falar* como subpartes da oração hipotática modal/condicional [[sem][falar]] e do OA de acréscimo [sem falar], ao longo do tempo;
- c) Verificar a hipótese de que [sem falar] tem como origem [[sem][falar]];
- d) Comparar os usos de [sem falar] com outros elementos do domínio das relações aditivas.

3. Resultados

Para uma apresentação mais clara dos resultados, dividimos esta seção em quatro subseções, uma para cada um dos objetivos delineados ao final da seção *procedimentos metodológicos*.

3.1. Diferenças semânticas e morfossintáticas entre [[sem][falar]] e [sem falar]

Segundo Hopper e Traugott (1993), é relativamente comum que, no processo de mudança linguística – como nos casos de gramaticalização, por exemplo –, haja a persistência de traços da categoria-fonte. Em se tratando do uso do OA [sem falar], por exemplo, podemos ter a impressão de que estamos, ainda, diante de uma oração hipotática adverbial modal ou condicional. No entanto, há diferenças semânticas e, sobretudo, morfossintáticas entre os dois usos. Para tratar dessas diferenças, observemos, inicialmente, três ocorrências:

- (03) O PAN Madeira continuará a apresentar as suas ideias, *sem falar especificamente deste ou daquele partido, de modo sério*, negando-se às comuns “peixeiradas políticas” – sem promessas que não possamos cumprir, porque, como pessoas vulgares, é assim, e só assim que entendemos a política. Optamos por uma campanha sóbria, que se iniciará oficialmente a partir de 8 de setembro, em vez de a começarmos com 3 meses de antecedência, como alguns já o estão a fazer¹⁹.

¹⁹ Disponível em: https://www.jm-madeira.pt/opinioes/ver/2623/Camuflados_de_Verdinhos - Acesso em: 11 fev. 2024.

- (04) Mas é lógico que eu não poderia encerrar a crítica *sem falar novamente de Gafinho*. Além de representar a essência do filme, com sua crise de identidade entre ser brinquedo e ser lixo, entre ser o achado e o perdido, o trabalho de voz de Tony Hale é estupendo, daqueles que podem desde já figurar no panteão dos dubladores pela sua expressividade e evolução ao longo das sequências²⁰.
- (05) Eu não quero que se acabe o 25 de Abril. Porém, como todos os lugares-comuns, a ideia de uma revolução sem sangue só parcialmente é verdadeira. *Sem falar* nas mortes ocorridas durante o chamado PREC, o dia 25 de Abril é marcado pelo desaparecimento de cinco pessoas²¹.

Nas ocorrências (03) e (04), *sem falar* pode ser classificado, respectivamente, como uma subparte de uma oração hipotática adverbial modal e de uma oração hipotática adverbial condicional, ambas reduzidas de infinitivo. Na ocorrência (05), por sua vez, *sem falar* atua como um OA de acréscimo.

Sob um ponto de vista semântico, podemos entender que há uma dessemantização da preposição *sem*. Enquanto, no uso modal ou condicional, *sem* mantém seu sentido básico de negação, na medida em que a ação do verbo da oração hipotática não se realiza – e.g.: *apresentou suas ideias sem falar especificamente deste ou daquele partido* = *apresentou suas ideias E NÃO falou especificamente deste ou daquele partido*; *não poderia encerrar a crítica sem falar novamente no Gafinho* = *não poderia encerrar a crítica E NÃO falar novamente no Gafinho* –, e no emprego como OA, a ação do verbo é desenvolvida. Na ocorrência (05), por exemplo, quando o enunciador diz “*Sem falar nas mortes ocorridas durante o chamado PREC, o dia 24 de Abril é marcado pelo desaparecimento de cinco pessoas*”, ele acaba por citar, apresentar o argumento, do qual não iria tratar. Entendemos, portanto, que a ideia de negação se encontra esmaecida, pelo menos em algum nível. É como se dissessemos: *ALÉM DAS mortes ocorridas durante o chamado PREC, o dia 24 de Abril é marcado pelo desaparecimento de cinco pessoas*.

Dissemos, anteriormente, que o sentido de negação se encontra esmaecido “pelo menos em algum nível” porque entendemos que ele ainda pode ser recuperado em um segundo plano. Normalmente, quando o enunciador faz uso desse tipo de construção, como a do caso em tela, é como se ele dissesse parafrasticamente: “eu apresentei tais argumentos, os quais são suficientes para ratificar minha visão dos fatos, sem para isso precisar falar sobre Y”. Sendo assim, ele espera, na maioria das vezes, que seu enunciatário complete as eventuais lacunas deixadas por esse último argumento com base em seu próprio repertório, isto é, que o enunciatário pense, por exemplo, quais seriam essas mortes ocorridas durante o chamado PREC a que ele se refere.

Enquanto o critério semântico é pouco preciso para justificar a diferença entre as duas categorias – o uso modal/condicional e o de operador argumentativo –, o morfossintático é mais categórico.

²⁰ Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-toy-story-4-sem-spoilers/> - Acesso em: 11 fev. 2024.

²¹ Disponível em: https://www.dn.pt/edicao-do-dia/30-jun-2019/interior/25-de-abril-a-revolucao-que-nao-foi-assim-tao-branda-11056529.html?target=conteudo_fechado – Acesso em: 11 fev. 2024.

O escopo da oração hipotática adverbial modal/condicional é sempre o verbo da oração matriz. Na ocorrência (03), observamos que *sem falar* refere-se diretamente à locução verbal *continuará a apresentar*; e, em (04), à locução verbal *poderia encerrar*. Tais orações representam, portanto, acessórios do verbo da oração matriz. Na ocorrência (05), por sua vez, isso não ocorre. *Sem falar* não tem como escopo a locução verbal *é marcado* da oração que lhe sucede. Se voltarmos às ocorrências (01) e (02), também observaremos o mesmo fenômeno: em (01), *sem falar* não retoma o verbo *haver*; em (02), não recupera nenhum dos verbos que lhe antecedem na oração matriz: nem *ser*, nem *brincar*, nem *referir-se*. Na verdade, *sem falar*, na condição de OA, não escopa os verbos nem nenhum outro elemento linguístico da superfície linguística. Ele está ali para estabelecer uma relação discursiva mais ampla, de orientação metalinguística, relativa à inclusão de novos argumentos convergentes, de onde decorre a noção de acréscimo.

Um outro tipo de diferença morfossintática que identificamos em [sem falar], em comparação a [[sem][falar]] está associado ao tipo de vinculação. Como veremos mais detalhadamente na próxima subseção, dos 200 dados sincrônicos levantados da sequência *sem + falar*, 97 ocorrências apresentam a função de OA de acréscimo. Desse número, 43 são estruturas desgarradas. Como ilustração, podemos observar as ocorrências (06) e (07), a seguir:

- (06) A história, que mescla ficção científica, mitologia e space opera (e criada nos quadrinhos pela lenda Jack Kirby), seria a coroação definitiva à nova fase estelar de Keanu. *Sem falar* no que isso traria de bom à própria Marvel, que vem apostando mais e mais em conteúdo viral com suas novas estrelas²².
- (07) Aquele galho (sem trocadilhos) dos tempos do colégio vira namoro e depois casamento. O que seria terrível: a Gracinha ficou gorda e (mais uma vez, sem trocadilhos) perdeu completamente a graça. *Sem falar* nos cinco meninos que ela teve. Tá certo que se casou com um crente, que não admitia anticoncepcional²³.

Cabe ressaltar que Decat (2011) descreve as orações hipotáticas desgarradas como a possibilidade de elas constituírem sozinhas unidades de informação, sem estarem, portanto, vinculadas sintaticamente com a matriz. Por isso, estruturas desgarradas não atuam como um constituinte de uma oração matriz. É o que observamos nas ocorrências (06) e (07), haja vista a presença de uma ruptura sintática, pela presença de um novo período, entre [sem falar] e a sua “eventual” oração matriz.

É interessante destacar quão expressiva é a produtividade do desgarramento sintático nos dados, que chega aproximadamente a 45% das ocorrências em que [sem falar] atua como OA. O mesmo fenômeno já não ocorre nos casos em que atua como oração hipotática modal ou condicional. Como veremos na próxima subseção, identificamos 71 usos como oração hipotática modal ou condicional nos dados. Desse total, não há nenhum caso de desgarramento sintático.

²² Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/06/12/que-ano-horri-vis-que-nada-2019-e-o-ano-de-keanu-reeves.htm> - Acesso em: 11 fev. 2024.

²³ Disponível em: https://www.acidadeon.com/campinas/blogs/bulhufas/BLOG,0,0,1429461,blog++_ramificando.aspx - Acesso em: 11 fev. 2024.

Acreditamos que a produtividade do uso desgarrado esteja associada à mudança funcional de [sem falar]. De um lado, ao começar a utilizar a função de OA de acréscimo, os falantes, por meio de analogia, associam-no a outros operadores de natureza hipotática, como *além de*, *além disso*, *ademais*, entre outros, que com frequência são empregados como unidades de articulação supraoracional. De outro, a veiculação da noção de acréscimo/adição, normalmente decorre de conteúdos que estão menos integradas semanticamente entre si (diferentemente das noções de modo e/ou condição).

Por fim, retomemos a motivação que nos levou a categorizar [sem falar] como sendo um OA, e não meramente um conectivo ou conector, conforme abordamos inicialmente na introdução deste artigo. Como sabemos, a tradição gramatical costuma relegar à classe dos conectivos, como preposições e conjunções, a função de relacionar unidades discursivas (em especial, as de nível suboracional e oracional). No entanto, entendemos que estamos diante de uma construção que resguarda parte dos traços da categoria-fonte. Como um todo, ela apresenta características muito próximas às orações hipotáticas adverbiais modais reduzidas de infinitivo, com a preposição *sem* introduzindo uma unidade de informação e com o verbo *falar* exigindo um complemento, geralmente preposicionado. Os conectores, por sua vez, são normalmente construções mais gramaticalizadas ou em vias mais avançadas de gramaticalização.

Sob esse ponto de vista, o conceito de operador argumentativo parece-nos mais adequado. Pertencente à Semântica Argumentativa (cf. Ducrot, 1973; Ducrot; Vogt, 1979; Ducrot; Anscombe; Ducrot, 1983), os OAs não têm uma classe gramatical específica.

Os OAs exercem algumas outras funções. Eles podem, por exemplo, atuar sobre um termo oracional específico, como no segmento “eu *até* quero ser prefeito”, em que o OA *até* condiciona a progressão argumentativa do texto, na medida em que exige que sua continuidade se dê por meio de uma unidade discursiva de contraste – e.g.: “eu *até* quero ser prefeito, **mas** não vou me filiar a esse partido de jeito nenhum”. Em síntese, os OAs se caracterizam como elementos que incidem sobre a configuração dos *topoi*, determinando ou restringindo a progressão argumentativa do texto (Lopes; Bittencourt; Boechat, 2024, p. 95-96)

Como ilustração, pensemos na noção de conclusão. As gramáticas descritivas, via de regra, listarão uma série de conectivos, que formam uma classe de palavras gramaticais altamente especializadas para esse fim, como: *portanto*, *logo*, *por conseguinte* etc. A Semântica Argumentativa, por sua vez, considerará que a noção de conclusão, na relação entre unidades de informação (suboracionais, oracionais ou supraoracionais), pode ser expressa também por outras classes, como, por exemplo, uma expressão adverbial complexa menos gramaticalizada – e.g.: *com base nos argumentos expostos* –, uma oração – e.g.: *para concluir* – etc. Dessa maneira, entendemos que [sem falar], a despeito de ter uma estrutura distinta da de outros conectores hipotáticos, concorre para o uso em contextos análogos.

3.2. Produtividade de [[sem][falar]] e [sem falar] ao longo do tempo

Tabela 1: Distribuição dos usos diacrônicos de *sem + falar*

	O.H.A ²⁴ . Modal	O.H.A. Condicional	OA de acréscimo (integrado)	Dados descartados
Século XVI	16 (100%)	-	-	-
Século XVII	09 (100%)	-	-	-
Século XVIII	13 (100%)	-	-	-
Século XIX	21 (87,5%)	-	03 (12,5%)	-
Século XX	22 (57,89%)	01 (2,63%)	13 (34,21%)	02 (5,26%) ²⁵
Totais	81 (81%)	01 (1%)	16 (16%)	02 (2%)

Fonte: Elaboração dos autores.

Na investigação diacrônica, as primeiras ocorrências da sequência de palavras *sem + falar*, nos *corpora* investigados, datam do século XVI. Entre os séculos XVI e XVIII, todos os usos identificados nos *corpora* foram modais. Somente no século XIX, flagramos os primeiros usos do OA de acréscimo. Vejamos uma ocorrência para cada um dos séculos, sendo as três primeiras modais; as duas últimas de acréscimo:

- a) Século XVI
 - (08) “Senhor, que vossa alteza seja a mesma justiça como o feito he convosco vos soes parte”; e elrey com payxam passeou hum pouco polla casa *sem falar* nada²⁶.
- b) Século XVII
 - (09) Finalmente, determinou-se o santo a os reder por força, rcorrendo às suas armas, e *sem falar* a um no outro, nem trazer à memória a questão, afeiçoou e persuadiu a cada um em particular que fossem devotos²⁷.
- c) Século XVIII
 - (10) Basta, ao princípio, saber as declinações e conjugações, *sem falar* nos dialectos²⁸.
- d) Século XIX
 - (11) Quase todos estavam contrariados; *sem falar* dos conspiradores que se haviam emprazado para concertarem seu plano de campanha, os outros, cujo divertimento era caçar e bater os matos, não recebiam a ordem com prazer²⁹.

²⁴ O.H.A é uma sigla para *oração hipotática adverbial*.

²⁵ Optamos por descartar dois dados em que *sem* fazia parte de uma construção concessiva: *ainda sem falar*, *mesmo sem falar*.

²⁶ Vercial: Livro das Obras Prosa: historia GR 1545.

²⁷ Vercial: Sermões Maria Rosa Mística: sermão AV 1686.

²⁸ Tycho Brahe: LuiAVer – Verdadeiro Método de Estudar- 109631.

²⁹ Colônia: JosdAle-O_Guarani-5124.

e) Século XX

- (12) A parte mais interessante da sua mensagem, *sem falar* nas fascinantes evocações históricas que ela contém, é talvez a em que há uma ponderada advertência contra os perigos do nacionalismo.

Em relação à tabela 1, é interessante observar a distribuição dos usos de [sem falar] em relação a [[sem][falar]], dado que há um aumento de produtividade no século XX em comparação ao século anterior: 12,5% de usos como operador argumentativo integrado³⁰ no século XIX contra 34,21% no século XX. Vejamos, agora, como essa distribuição ocorre no século XXI:

Tabela 2: Distribuição dos usos sincrônicos de *sem + falar* (século XXI)

O.H.A. Modal	O.H.A. Condicional	OA de acréscimo (integrado)	OA de acréscimo (desgarrado)	Dados descartados
57 (28,5%)	14 (7%)	54 (27%)	43 (21,5%)	32 (16%)
O. H. A Modal ou Condicional		OA de acréscimo (integrado ou desgarrado)		
71 (35,5%)		97 (48,5%)		

Fonte: Elaboração dos autores.

Como podemos notar, há um aumento considerável na produtividade de [sem falar] no século XXI, representando quase 50% de todos os usos de *sem + falar* no *corpus*. Além disso, somente neste período, flagramos os usos desgarrados, também bastante produtivos (43 de 97 ocorrências). Tais informações servem como evidência da alta convencionalidade da construção, isto é, indicam que essa nova função e esse novo significado já estão devidamente semanticizados na língua. Com base em Traugott e Dasher (2002), podemos afirmar que a construção passou do estágio 1 ($L \rightarrow M1 \leftrightarrow Ca$) para o estágio 2 ($L \rightarrow M1 \leftrightarrow Ca; M2 \leftrightarrow Cb$).

3.3. Hipótese sobre a emergência de [sem falar]

Traugott e Trousdale (2013) elaboraram o modelo da construcionalização e das mudanças construcionais para a descrição da mudança linguística em perspectiva diacrônica. Segundo os autores, há dois mecanismos principais responsáveis pela mudança linguística: a neoanálise e a analogização. A primeira se dá quando a mudança decorre de uma série de micropassos, os quais afetam as propriedades formais e funcionais de uma dada construção, resultando em uma nova. Mudanças por neoanálise normalmente são lentas e graduais. Podem levar séculos até que uma nova construção se convencionalize e seja compartilhada em uma ampla comunidade de falantes. A segunda, por sua vez, ocorre usualmente de forma instantânea, com base em construções altamente produtivas, que servem de modelo para a criação de novas. Um bom exemplo de analogização no português é a entrada de

³⁰ O termo *integrado* é utilizado aqui para diferenciar ao contexto de desgarramento. Sendo assim, operadores argumentativos integrados coocorrem no mesmo período da oração matriz.

verbos por empréstimo. Normalmente, entram na 1ª conjugação, que é a forma assumida pela grande maioria dos verbos portugueses: *to delete* → *deletar*; *to stalk* → *estalquear*; *to ship* → *shipar* etc. As mudanças que decorrem da ação da neoanálise são mais facilmente captadas, haja vista que os dados históricos nos permitem identificar os diferentes estágios da mudança. Tais estágios podem ser tratados pelo modelo de análise contextual de Diewald (2006, p. 4):

Quadro 1: Estágios de Mudança

Estágio	Contexto	Sentido/Função
0. Uso original	Contexto típico	
I. Pré-condições de gramaticalização	Contextos atípicos	Implicatura conversacional
II. Desencadeamento da gramaticalização	Contexto crítico	Opacidade múltipla
III. Reorganização e diferenciação	Contexto isolado	Polissemia/heterossemia

Fonte: Diewald (2006, p. 4) – Adaptado.

O primeiro estágio de mudança (I) se caracteriza pela presença de um uso inovador. É o contexto da inferência sugerida (cf. Traugott; Dasher, 2002), em que o ouvinte/leitor, em virtude de uma sanção parcial ou de uma incompatibilidade do uso inovador com os usos daquela construção registrados em sua memória, precisa atribuir-lhe um novo sentido, de modo a tornar o enunciado coerente com aquilo que acredita representar as intenções do falante. O segundo estágio representa uma fase de maior espraiamento do novo uso, em que há ambiguidade não só semântica, mas também estrutural. O último estágio representa a consolidação da mudança, quando falante/escritor, bem como ouvinte/leitor, reconhecem que os dois usos configuram duas construções distintas. Uma vez que normalmente é possível detectar, ao longo da história, as etapas de desenvolvimento de uma nova construção, a neoanálise pode ser tomada como uma evidência empírica de como se deu a trajetória da mudança.

Não obstante, o mesmo raciocínio não vale para a analogização. Por ser um procedimento usualmente instantâneo, normalmente julgamos que uma mudança se deu por meio desse mecanismo em decorrência de dois fatores: de sua semelhança formal e funcional com uma outra construção de elevada produtividade; em decorrência da falta de evidências da existência de etapas de mudança. Por esse motivo, costumamos afirmar que a analogização não serve como prova cabal de como se deu o processo. Ela pode representar a hipótese mais plausível, mas não necessariamente uma prova. Muitas vezes, inclusive, a inexistência de dados que deflagrem as etapas da neoanálise está associada à insuficiência do *corpus*, e não aos fatos linguísticos em si.

Em se tratando de [sem falar], a hipótese inicial, como vimos, era a de que a construção tivesse se originado da neoanálise de [[sem][falar]], em que o mecanismo da inferência sugerida – relativa aos processos intersubjetivos –, teria levado à reinterpretação semântica, bem como à recategorização. No entanto, após a análise dos dados, julgamos ser mais plausível defender que o novo uso tenha surgido por meio de analogização a uma outra construção semelhante: [sem contar]. Essa, sim, teria passado pelos estágios de neoanálise, se consolidado como um OA de acréscimo e, posteriormente, por meio de analogização, passado a recrutar verbos *dicendi*, como *falar*, *mencionar*, *dizer* etc.

Nos estudos diacrônicos, percebemos que [sem contar] já apresenta seu uso como OA de acréscimo a partir do século XVIII. Veja:

- (13) Na noite de 16 para 17 as 10 horas morreu de 68 anos feitos a 17 de outubro a Duquesa do Cadaval de uma constipação por haver estado ao ar frio que em três dias a matou não fez testamento dizem que por não fazer dano as legítimas filhas se as renúncias não valerem e tinha segundo se diz vinculado no morgado a sua terça e deixou 39 descendentes *sem contar* os bastardos do Duque Dom Jaime e 12 famílias anojadas (...) ³¹.
- (14) Há, pelo menos, 125 expositores na classe dos cereais, 80 na de grassinos, 75 na de legumes, 21 na de condimentos, 123 na de bebidas fermentadas, *sem contar* os produtos coloniais ³².

Em (13) e (14), o OA de acréscimo é constituído de duas partes: a preposição *sem* e o verbo numérico, de natureza matemática *contar*, forma homônima do verbo *dicendi*. Os primeiros usos que localizamos nos *corpora* ³³ são todos dessa natureza, em que é possível identificar um contexto numérico no entorno linguístico do OA.

Posteriormente, essa construção começa a ocorrer em contextos em que a evocação de um valor numérico é menos evidente, como ocorre em (15) e (16):

- (15) O moço deixava-se ir indolentemente, *sem contar* os benefícios do ar ³⁴.
- (16) O projecto da viagem excitou a indignação dos ulemás e dos fanáticos, *sem contar* a oposição interessada dos altos funcionários que vivem dos abusos do regime vigente, e que receiam que o sultão regresse da sua excursão com ideias novas, fatais à má influência ³⁵.

Acreditamos que esse último tipo de contexto suscitou um tipo de analogia: *contar*, em (15) e (16), não é o verbo numérico, mas, sim, o verbo *dicendi* que é homônimo a ele. Isso favoreceu que outros verbos *dicendi* – tais como *dizer*, *explicar*, *mencionar* etc. – fossem recrutados para a mesma estrutura por meio de um processo analógico: *sem contar* está para *sem falar*, assim como *contar* está para *falar*. Em suas pesquisas, Lopes e Moura (2022, p. 245) demonstram que outros verbos *dicendi* são recrutados para esse uso de operação argumentativa de acréscimo, sendo *contar* e *falar* os mais frequentes.

Essa conclusão a que chegamos – mais adequadamente chamada de nossa melhor hipótese sobre a emergência de [sem falar] – se deve a não termos identificado, nos dados diacrônicos da

³¹ Tycho Brahe: FraXMen-Gazetas_manuscritas_da_Biblioteca_de_Évora_Vol_I (1729-1731).

³² Vercial: Colaboração no Distrito de Évora Prosa: Ensaio EQ 1868.

³³ Os corpora diacrônicos utilizados para [sem contar] foram os mesmos empregados para [sem falar].

³⁴ Vercial: Noites de Lamego Prosa: contos CCB 1872.

³⁵ Tycho Brahe: Varios-Jornais_da_Bahia (1945-1948)-133276.

análise de *sem + falar*, em seus diferentes usos, contextos que nos sirvam como evidência do processo de neoanálise. Isto é, não identificamos contextos modais ou condicionais que suscitassem dúvidas quanto à classificação. Os dados ou se incluíam em uma categoria ou em outra, o que nos levou a formular a hipótese da analogização e de como ela deve ter se dado na história do português, a partir da semelhança com [sem contar], cujo surgimento é atestado no *corpus*, no século XVIII, isto é, um século mais cedo em relação a [sem falar].

3.4. O lugar de [sem falar] no domínio das relações aditivas

No domínio das relações aditivas, há recursos linguísticos variados. Nesta seção, compararemos o uso de [sem falar] com o das seguintes construções: a conjunção aditiva prototípica [e], bem como o conector hipotático aditivo de extensão [além de]. Embora reconheçamos que haja diferenças não só funcionais como também formais entre essas construções, nosso foco recairá, especialmente, sobre as diferenças funcionais.

Em um primeiro momento, gostaríamos de justificar por que escolhemos o termo *acrécimo* para a classificação semântica de [sem falar], e não *adição*. Na literatura gramatical e linguística (cf. Cunha; Cintra, 2017; Rocha Lima, 2018), é relativamente comum que se associe a noção de adição diretamente ao quadro da parataxe, em que a vinculação ocorre entre elementos da mesma natureza. Em linhas gerais, a parataxe lida com relações semânticas mais simétricas. Por sua vez, tanto [além de] quanto [sem falar] operam no campo da hipotaxe. Nesse sentido, há naturalmente um diferente estatuto entre as orações vinculadas por esses elementos: os argumentos, por estarem em uma relação de assimetria, o foco discursivo cai sobre um dos elementos. Portanto, para diferenciar essas duas relações, reservamos o termo *adição* para a parataxe; *acrécimo* para a hipotaxe. Para observar essa diferença, analisemos as seguintes frases:

- a) Ontem, fiz musculação **e** *spinning*;
- b) Ontem, **além de** musculação, fiz *spinning*;
- c) Ontem, fiz musculação. **Além** disso, fiz *spinning*.

Em *a*, a simetria estabelecida entre musculação e *spinning* coloca-os no mesmo estatuto morfossintático e pragmático. Considerando-se a estrutura da informação (cf. Chafe, 1979), pode-se dizer que tanto musculação quanto *spinning* representam a informação nova dentro desse enunciado. Por sua vez, em *b*, musculação ocorre dentro de uma estrutura de informação velha. Muito provavelmente, o enunciatário da frase *b* já compartilha do conhecimento de que o enunciador pratica musculação. No caso, a informação nova, diferente, é a prática de *spinning*, que exatamente por ser nova, está em relevo na frase. Por fim, em *c*, os dois elementos, que aparecem em períodos distintos, têm o estatuto de informação nova. No entanto, o relevo informativo recai sobre o segundo elemento: *spinning*.

Estruturalmente, [sem falar] está mais próximo a [além de], dado que as duas construções são de natureza hipotática, em que o relevo da informação recai apenas sobre um dos argumentos. No entanto, muito embora ambas as construções sejam usualmente alternáveis – inclusive, promovemos, ao longo deste texto, testes de substituição de uma forma pela outra para atestar sua compatibilidade funcional –, elas apresentam algumas diferenças³⁶. Como ilustração, analisemos três ocorrências:

- (17) A maioria das escolas brasileiras ainda opta pela reprovação. Elenice Lobo, do Colégio Santo Américo, em São Paulo, acredita no modelo. “As consequências negativas da retenção não dão conta da realidade. Se o aluno é retido, ele tem defasagem de conteúdo. Apesar do desconforto nos primeiros dias de aula, ao longo do ano ele resgata aquilo que lhe faltava e tem um desempenho acadêmico melhor”, afirma. Para minimizar os efeitos colaterais, a escola investe na integração do reprovado com a nova classe, *além de esclarecer dúvidas com pais e pedir esforço redobrado do professor*³⁷.
- (18) De acordo com o professor da Escola de Arte, Ciências e Humanidades da USP, Sidnei Raimundo, o principal problema é o dejetos, que pode transmitir a larva *Migrans cutânea*, mais conhecida como bicho geográfico. As fezes também podem propagar doenças a outros animais, *sem falar* na transmissão de raiva, caso o cão não esteja devidamente vacinado³⁸.
- (19) Isso significa dizer que zerar o déficit atual demandaria R\$ 21,4 bilhões e 360 novas unidades prisionais, *além de* mais vagas futuras no ritmo atual, até 2025, *sem falar* nos custos de manutenção. Nada disso, contudo, é objeto de um debate nacional³⁹.

Em (17), temos uma ocorrência analisada por Rosário e Santos (2020) em um artigo voltado para a descrição do conector *além de*. Nela, o enunciador argumenta por que é favorável à reprovação escolar. Pondera que, como a reprovação é uma situação frustrante para a família e para o aluno, devem-se minimizar os efeitos colaterais por meio de duas ações: a) investir na integração do reprovado com a nova classe; b) esclarecer dúvidas com pais e pedir reforço redobrado do professor. Segundo Rosário e Santos (2020, p. 54), o uso de *além de*, na introdução do segundo argumento, “não é gratuito nem ‘neutro’”. Para os autores (op. cit.), “há uma estratégia para chamar a atenção do leitor e também convencê-lo de que a escola é eficiente e faz muito mais do que o essencial: ela excede o esperado”. Por atribuírem esse sentido de excedência não apenas nesse uso, mas aos usos gerais de *além de*, consideram que o acréscimo promovido pelo conector está associado a uma noção de “ultrapassamento”.

³⁶ Sob a perspectiva da Abordagem Construcional da Gramática, toda diferença de forma resulta em alguma diferença funcional, seja semântica, seja pragmática – ver *princípio da não sinonímia* (cf. Goldberg, 1995).

³⁷ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/educacao/reprovacao-nas-escolas-e-o-melhor-caminho> - Acesso em: 12 fev. 2024.

³⁸ Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Colunas/planeta-bicho/noticia/2019/06/movimento-pela-liberacao-de-caes-nas-praias-brasileiras-ganha-forca.html> - Acesso em: 12 fev. 2024.

³⁹ Disponível em: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/espaco-aberto,nos-cumpridos-do-crime-organizado,70002859679>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Em (18), temos uma matéria jornalística que trata de um movimento para a permissão de cães na praia das grandes capitais. No trecho, temos a ponderação de um professor da USP, que fala da propagação de doenças em decorrência da presença de cães na areia. Em síntese, há perigos para os seres humanos, que podem contrair bicho geográfico, mas também para os cães, no que diz respeito à transmissão de raiva. Nessa ocorrência, [sem falar] ocorre na introdução desse último argumento. Assim como no uso de [além de], a escolha de [sem falar] não é neutra. A ideia subjacente que enxergamos em seu emprego – com base na persistência dos traços semânticos dos elementos –, é a de que o(s) argumentos(s) apresentados anteriormente já é (são) suficiente(s) por si só(s). Nesse sentido, trata-se de um argumento excedente, isto é, um argumento de lambuja (cf. Koch, 2004), conforme argumentamos previamente.

Um outro aspecto que é relativamente presente nas ocorrências de [sem falar] está relacionado a sua posição. Normalmente, esse operador introduz o último argumento de uma sequência, que não tende a ser promovido a tópico discursivo no fluxo textual, exatamente porque a intenção do enunciador por trás de seu uso está em “jogá-lo” no discurso, sem precisar desenvolvê-lo com mais detalhes. É o que observamos em (19), em que o enunciador apresenta inicialmente dois argumentos de natureza mais específica – os R\$ 21,4 bilhões, as 360 novas unidades prisionais e o aumento de vagas futuras – e depois introduz, por meio de [sem falar], um de natureza vaga e genérica: os custos de manutenção. Nesse caso, não se especifica que gastos são esses, se são baixos, adequados ou altos. O contexto dá a entender que sejam altos, mas esse entendimento fica a cargo do enunciatário.

Como podemos notar, as diferentes construções do domínio da adição codificam essa noção de modo distinto. Por meio de sua análise contextual, é possível depreender os processos intersubjetivos – o sistema de crenças e intenções dos enunciadores – implicados nos diferentes usos.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos descrever a emergência do operador argumentativo (OA) de acréscimo [sem falar] como oriunda da recategorização diacrônica da oração hipotática adverbial modal/condicional reduzida de infinitivo [[sem][falar]]. Para isso, recorreremos aos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, em especial aos estudos relativos à ação da intersubjetividade e dos processos cognitivos gerais.

Com base na análise de 301 ocorrências da sequência de *sem + falar* em *corpora* diversificados (tanto sincrônicos quanto diacrônicos), diferenciamos essas duas construções. Concluimos, que a oração modal/condicional, em relação ao OA de acréscimo, apresenta diferenças morfossintáticas – no que diz respeito ao escopo de *sem falar* – e semânticas – dado que a noção de negação atribuída à preposição *sem* encontra-se esmaecida no OA.

Paralelamente, identificamos, nos *corpora*, que é provável que a emergência de [sem falar] tenha se dado no século XIX, dado que nesse século identificamos as primeiras ocorrências de uso. Também sustentamos a hipótese de que a construção tenha surgido por meio da analogização de [sem

contar], cujos usos com função de acréscimo datam de um século antes. Nosso entendimento é o de que, à medida que os falantes começam a empregar [sem contar] em um contexto não declaradamente numérico, esse verbo se confunde com sua forma *dicendi* homônima, fenômeno que acaba por promover sua analogização, por meio do recrutamento de outros verbos de mesma natureza, como *dizer*, *mencionar*, entre outros.

Por fim, apresentamos as diferenças funcionais de [sem falar] em relação a outras construções do domínio da adição. Concluímos que [sem falar] se difere funcionalmente das demais construções porque representa um argumento excedente – de lambuja –, geralmente não promovido a tópico discursivo, de natureza pouco específica, cujos sentidos devem ser acionados por parte do enunciatário, com base em seu próprio repertório.

Referências

- ALONSO, K. S. B.; OLIVEIRA, D. L.; FUMAUX, N. C. A. Construções binominais quantitativas em perspectiva distinta: uma análise colostrucional. *Revista Odisseia*, v. 4., pp. 173-193, 2019.
- ANSCOMBRE, J-C; DUCROT, O. *L'argumentation dans la langue*. Liège: Mardaga, 1983.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J. *Language Change*. United Kingdom: Cambridge Univesity Press, 2015.
- CHAFE, W. *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- CUNHA, C. E.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2017.
- DECAT, M. B. N. *Estruturas desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- DIESSEL, H. *The Grammar Network*. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.
- DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, SV1-9, 2006.
- DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.
- DUCROT, O. *La prevue et le dire*. Paris: Maison Mame, 1973.
- DUCROT, O.; VOGT, C. De magis a mais: uma hipótese semântica. *Revue de Linguistique Romane*, V. 1, pp. 317-340, julio-diciembre, 1979.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GOLDBERG, A. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, Vol I.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMAN, W.; MALKIEL, Y. (ed.). *Perspectives in Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982, pp. 17-82.
- LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. esp., pp. 83-110, 2016.
- LOPES, M. G.; BITTENCOURT, B. A. F.; BOECHAT, A. L. C. Usos do operador argumentativo ‘for a isso’ no português contemporâneo. *Revista Confluência*, n. 66, 2024, pp. 90-123.
- LOPES, M. G.; MOURA, S. C. [SEM Vdicendi QUE]: um conector hipotático de adição do português. *Revista Percursos Linguísticos*, v. 12, n. 30, pp. 245-255, 2022.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: UNESP, 2018.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 54. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.
- ROSÁRIO, I. C. (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso*. Teoria, método e aplicação. Niterói: Eduff, 2022.
- ROSÁRIO, I. C.; SANTOS, M. S dos. Construções hipotáticas oracionais aditivas de extensão. *Revista Estudos da Linguagem*, v. 18, n. 1, pp. 45-64, 2020.
- TANTUCCI, V. *Language and social minds*. The Semantics and Pragmatics of Intersubjectivity. New York: Cambridge University Press, 2021.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, Vol I.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. New York: Cambridge University Press, 2013.